

<p>Poema nº 4</p> <p>Estou aqui. além da vida. nom por riba, nem por baixo. Além. Tanto me tem a beira direita como a beira esquerda. Nom aguardo a ninguém, e tampouco me aguardam em nengures. Vivim, mal ou bem; tanto me quando se olha de longe. Estou algo canso, de avondo para nom crer que a minha viagem seja importante. Aqui e alá, o meu nome há-se borrar. Como o teu; mas eu cuido que é um bem e ajuda; ti esforças-te por lograr demorar uns anos ou uns séculos o que há vir. Cadaquém acha o seu lezer em cadanseu fazer. Está mui bem. Eu estou aqui. nom por riba, nem por baixo de ti. Além.</p>	<p>Poema nº 5</p> <p>Eu protesto contra mim mesmo. Estou canso de protestar contra os mais. Os mais nom som piores do ca mim. Os reis nom som piores do que os leigos. Os homes nom som piores do que as mulheres. Os velhos nom som piores do que os moços. Os generais nom som piores do que os soldados. Tenho visto vassalos que se figérom reis, leigos que se figérom cregos, mulheres que se figérom homes, moços que se figérom velhos, soldados que se figérom generais. E figérom o seu papel no grande teatro do mundo, tam bem como o papel que antes figeram. Ninguém diria, que nom nasceram tais: tam conscienciosamente trabalham. E os que nom se apeárom do tigre da protesta, santos, heróis, profetas, se triunfárom, como nom tinham já que protestar, morrêrom, deixando a sua herdança a entusiastas discípulos que no nome dos mestres fundárom monarquias, igrejas, androceus, gerúsiyas, arraiais; e fôrom imperadores, papas, patriarcas, gerontes, mariscais. Descontra dos poderes protestados fundárom os poderes protestantes, descontra dos que nom se pode protestar. Em vista destas cousas, estou canso de protestar contra os outros e aguardar que protestem contra mim. Eu protesto contra mim mesmo. Em mim o rei protesta contra o rei, o vassalo contra o vassalo, o crego contra o crego, o leigo contra o leigo, o home contra o home, a mulher contra a mulher, o moço contra o moço, o general contra o general, o soldado contra o soldado. E assim som rei e vassalo, crego e leigo, home e mulher, velho e moço, general e soldado. Quero dizer que nom som maniqueu, porque som Ormuz e Arimám, nom som dous, mas um; estám em mim, som eu.</p>	<p>Poema nº 6</p> <p>Nom sei se matei. Estivem na trincheira. Nom vim o meu inimigo. Disparei. Nom sei se matei. Fum ferido. Mas nom sei se matei. Toupa cega, nom tenho outro olho que o olho do meu fusil. Se quadra o tem visto o meu inimigo? Olhadas de fogo cruzam-se entre os dous: eu e o meu inimigo. Fum ferido. Eu nom sei se matei.</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Poema nº 7</p> <p>O meu coração, páxaro de fogo, os homes amava.</p> <p>Mas ao ir cara a eles, em voo arrebatado, na pedra toupava.</p> <p>As asas feridas, o peito sangrando, a voz magoada.</p> <p>Como os amaria, batento com eles, penedia brava?</p> <p>Vinhem-me a estes cimbros longínquos dos homes, vizinhos das águas.</p> <p>Vejo-os de longe, doces criaturas, singelas crianças.</p> <p>Assim podo amá-los, formosos e dondos na tenra distância.</p>	<p>Poema nº 10</p> <p>Retiro-me, vou-me, sem dar um portazo, se insultar-vos: saudando-vos sem efusom, certamente; mas, certamente, com correcçom. na minha luta sensual contigo, mulher; na minha luta mental contigo, home, nom fum obsceno, nom fum cruel. Nom substituímos as doas do rosário por rosários de blasfémias. Pouco entusiasta do meu corpo, mantivem-no limpo sem despi-lo de mais. Considerando-me inferior a muitos indivíduos, estimo-me superior a muitos indivíduos, estimo-me superior a muitas congregaçoms. Mas os meus deuses esborralham-se. Nom quero adorar os vossos, que se ham esborralhar também. Nom quero vos converter. Nom som davondo caritativo nem davondo fanático para isso. Singelamente, ponho-me à beira. Escolho um recanto para rematar decentemente. se acho um côdeo para nom morrer de fome, extinguirei-me na escuridade ao chegar-me a hora; mas se me negades o côdeo por razoms de princípio, morrerei de fome, que vem ser o mesmo. Nom quero nada, nada espero. Nom tendes nada que temer de mim. Deixo-vos um oco que podedes encher. Adeus, formosa: um bico nas meixelas. Adeus, amigo: unha palmada no ombreiro. Morrêrom todas as mulheres que amei. Descansam cos seus devanceiros todos os homes que ajudei. Ti, nena, recebeste os meus derradeiros agarimos. Ti, companheiro, foste o derradeiro em estimar-me. Mais manhã, minha coroa, rejeitarias os meus beijos. Mais passado, meu irmám, estranharias a minha voz. Fago mútis antes que o pano baixe. Cadáveres na cena nom atura o decoro. Convém-me falar só um certo tempo –se for possível– Antes de afrontar o supremo diálogo. e como Echegaray nom escreveu a minha vida, nom fostregarei o vosso rosto a rentes de fugir. Retiro-me, vou-me, sem avisar, sem dar um portazo. Manhá nom saberedes se vivo ou morro. O vosso esquecimento é a melhor oraçom que podedes me oferecer. Nom tendes nada que me dizer. Nom tenho nada que vos dizer. Voltamo-nos de costas. E o silêncio, como umha mam piedosa, embrulhará-me, mortalha de linho para o meu humilde orgulho de múmia de faraó.</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Poema nº 18</p> <p>Trabucamo-nos, trabucamo-nos, abofé; trabucamo-nos, trabucamo-nos.</p> <p>Cuidamos que para ser bons, abofé, cumpria sermos desditados.</p> <p>O home austero, a fêmea casta, valha-nos Deus: os nossos formosos ideais.</p> <p>Sem saber que um pode gozar às mancheias, sem saber que um pode deitar-se à perna ceive, abofé, e ser amigo da humanidade.</p> <p>O amigo de Deus – cremos nós – tem a boca neta, o olho puro, valha-nos Deus; nós cremos a donzela azul, coas suas toucas, cos seus véus, abofé, a tona da feminidade.</p> <p>Mas arastora já o sabemos, abofé, pode-se quase ser perfeito sem dizer que nom ao prazer; mas abofé, mergulhando o coração nel, e todo o mais há que o esquecer.</p> <p>O home de Deus está arastora, abofé, reconciliado co mundo. Quanto à mulher, de cabeleira magdalénica, sabe já bem que nom deve cortar-se as tranças de nengum jeito, abofé; pois, como poderia calva enxoiar os mancados pés?</p>	<p>Poema nº 20</p> <p>Quando te vaias, ninguém reparará na tua falta.</p> <p>Nom tomaste passagem em nengum transatlántico. Fostes um navegante solitário.</p> <p>Nengumha turista te lembrará.</p> <p>Nom saístes à rua quando a gaita soava. Ficastes, a cuidar, na casa.</p> <p>Nengumha lápida te louvará.</p> <p>Nom fechastes a voz no círculo dum coro. Para falares contigo, foi o teu canto afónico.</p> <p>Nengum hino te glorificará.</p> <p>Nom firmastes nengum manifesto. A tua caligrafia era puro arabesco.</p> <p>Nengumha página te embalsamará.</p> <p>Nom quigestes ao peito levar umha medalha. Fostes besta selvagem, sem chocalho nem cádiga.</p> <p>Nengum alpendre te agarimará.</p> <p>Se, longe, um Caim che dá morte, nengumha Antígona te soterrará.</p>	<p>Poema nº 25</p> <p>O peso da soledade nom é para todas as costas.</p> <p>Baixo umha luz zenital, o home é um fito senheiro, um um que se nom projecta, atlas que o céu sustém.</p> <p>Deixa, pois, aos que a ham mester, essa droga vitamínica, o amor, a ilusom, a esperança, ainda que seja umha sombra.</p> <p>Umha sombra é algo. Umha sombra acompanha. Só os mortos nom tenhem sombra. Porque já nom lhes dá o sol, ou porque están no seu centro.</p> <p>Poema nº 26</p> <p>Amigo, o teu caminho, já está andado. Mal que bem, cumpriste umha tarefa. Aos que a julgam com relativa severidade, di-lhes que ti a olhas com absoluta indiferença.</p> <p>De neno, criste-te senhor da tua vida. De velho, ves que foste só um criado. Dumha força cega ou dumha vontade consciente? Nom sabes o nome do teu amo.</p> <p>As belezas carnis que amaste, já esqueletos. As ideias puras, borrosos arabescos. A chave que che dérom para a tua traducom, resultou afinal que nom abria o texto.</p> <p>Poderias te consolar coa graça renovada daquela forma risonha que te engaiolou sempre. Mas a chuva de pétalas que outrora te agarimou, levou-na longe de ti um longo vento de neve.</p> <p>Nom aguardas louvança, que arreu desprezaste. Compaixom nom a esperas, porque nunca a pediste. À voz incomprensível que fostrega o teu lombo, resposta co silêncio das tuas cicatrizes.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Poema nº 3</p> <p>Verdadeiras mentiras trocam-se entre os amantes. Como amar sem mentir? Como resplandecer, fulgurar, estralar sem transtocar as verbas, as carícias, os brados, os saloucos? O amor é um contramundo, um contrafado. A contrafala é a língua, a mentira é a verdade se há amor.</p> <p>Verdadeiras mentiras... Nom enganam amantes. Lem cos olhos fechados na sombra luminosa. Refletivo no espelho, o alfabeto refere todo o contrário que decote di. Nom há engano na palavra acesa. O engano é a tradução que o escuro fai.</p> <p>Mentiras verdadeiras. Com palavras de argila, as bocas abouradas dorosamente espremen frutos de paraíso: esse mundo em que brillham subitamente, intermitentemente.</p> <p>Se ti nom tes a chave, o canto das suas rulas semelhará-che engado de mecânico impuro chamariz. Cumha fala de terra Como, em verdade, como uns beijos verdadeiros poderám dizer céu sem enganar?</p>	<p>Poema nº 6</p> <p>Se quadra agora poderia cantar umha cançom de amor.</p> <p>Os seus olhos já alviscam no horizonte o véu tecido de perfeita sombra que encobre o rosto da aguardada sempre. Se quadra agora poderia cantar umha cançom de amor.</p> <p>Queimou todas as cartas, ou queimaram- nas os gelos dos invernos que esvarárom, branca companha, em silenciosa neve. Se quadra agora poderia cantar umha cançom de amor.</p> <p>Os retratos rachou, se os nom rachárom as torpes mans dos fieis esquecimentos, netos da sua velhice escacha-cruzes. Se quadra agora poderia cantar umha cançom de amor.</p> <p>Agora que as lisgairas dançarinas dos cadernos borrárom o seu nome, e os beijos nom suspende a sua presença, se quadra agora poderia cantar umha cançom de amor.</p> <p>Agora que as suas mans están cruzadas, e seguros os ácios nas videiras, e nom o enturva arela ou esperança, se quadra agora poderia cantar umha cançom de amor.</p> <p>A sua saudade já ceibe de cádigá, o seu sonho já libre de trupia, despida a sua sede de água, agora, se cadra agora poderia cantar unha cancióm de amor.</p>	<p>Poema nº 16</p> <p>Seria tam doce, eternizar este longo serám de inverno. O velho, a fumar a sua pipa. A velha, a coser a sua roupa.</p> <p>Afora, o vento, a choiva, o tempo. Dentro, o silêncio e a quietude. A vida xorda, a vida imóvel. A morte só dá vida à vida.</p> <p>A felicidade cravada no muro, como umha bolboreta. O minuto multiplicado, igual a si mesmo, imortal.</p> <p>Cria o pensamento o seu céu eternizando o instantáneo. Do lóstrego fai o sol perene. Da efémera flor, um paraíso.</p> <p>A velha cose horas e dias; com retrincos de tempo fai o sudário do infinito. O velho fuma intres de lembranças; com anéis de sono forma esteios da eternidade.</p>
<p>Poema nº 17</p> <p>Ai, quantos dias, quantas noites, quanto tempo há já que rubimos a este coche. Ai, quanto tempo que viajamos juntos baixo pombas e corvos, hojes e ontés.</p> <p>À nosa beira vam leiras de linho. Passam vilas de ferro à nossa beira. Já estamos cansos de mirar a fora. As aranhas tapizam as fiestras.</p> <p>Tampouco nos olhamos um e outro. Todas as nossas rugas conhecemos. Impossível mentir-nos, consolar- nos, agás trocando côdeos de silêncio.</p>	<p>Esquecidos de sermos dous, se quadra. Recíprocas paixons, mútuos parasitas. Somos irmáns siameses de voz única. Monologamos quando dialogamos.</p> <p>Mas isto há ter um fin. O assento renge. A roda ruge e o motor alassa. Esgota-se aburado o combustível. O condutor insone já se cansa.</p> <p>Temos de nos dizer adeus? Quiçaves nom podemos parar-nos juntamente co coche que, trocado em ferragancho, em ferragancho os olhos nos ajeite?</p> <p>Dormir-nos assemade, como outrora. Conservar-nos unidos, sem sabê-lo. Sem que o despertador nos desacougue. Um partido por dous igual a zero.</p>	

<p>Poema nº 18</p> <p>Um leopardo som que lesse a Bíblia; agachado entre a erva dos meus sonhos, escolco os teus acenos de gazela.</p> <p>Presas para as minhas putas? Para os meus? Súbito gozo cego? Delicada fruição de aprazamento até ao infinito?</p> <p>Um intre sugarei de ardente vida sem cuidar no futuro? Ou a doçura dumha sede entre lírios cultivada?</p> <p>Inda as gadoupas se esterricam feras, e o sangue rega a pel estrelecida; mais pesa o Eclesiastés sobre o meu lombo.</p> <p>Cantieiros filosóficos, banhados em tanto celme incólume, davondo sabedes de arrebato e saciedade.</p> <p>Túmulo mais que tálamo a pradeira, majestoso e estoico moribundo, melhor que caçador decote esgrêvio.</p> <p>Bem te enxergo. Entre as altas ervas nua, olhos fixos em mim, quando à ribeira baixas da água a beber de vagantio.</p>	<p>Poema nº 20</p> <p>Sobor da areia dourada do teu lombo descem brancos e raudos os meus bicos, bando de polos de gaivota a arfar.</p> <p>No teu miúdo tórax, baixo a duna do teu peito esquerdo, ladra a metralhadora do teu coração.</p> <p>Verde paixom de síncopas salgadas abala as nenas dos teus olhos húmidos e esgana na tua gorja os laios nus.</p> <p>Em que nuve de ausência e sonho abraço, trazido por que dorma e com que vento de que ribeira o sol do corpo teu?</p> <p>Poema nº 21</p> <p>Amor? Si, muito amor. Som capaz de amar muito. Mas, a quem? A ti? Certo. A ti mesminha, si. E delirantemente, com grande profundidade. Mas, do tempo através, numha extensom medida. E como ti és pequena e eu som pequeno, e o tempo é fugidio, o meu amor é também limitado. Nom em profundidade: em duraçom. Amar, si; a ti, si; si, mas por pouco tempo. A chama é bela, e é formoso chegar-se à cacharela na noite de Sam Joám. Emporisso, o solstício é raudos. Queimar-me toda a vida, nom o podos fazer. Amar? Si. A ti? Si. Totalmente? Si. Mais um, dous, três, quatro meses. Mais nom. O amor é belo porque sabe que há findar, e a sua vida é tam intensa porque é mortal.</p>	<p>Poema nº 29</p> <p>Umha fragrância erótica, mitológica e bíblica, remansa-se em meandros de música esquecida.</p> <p>Arreguizam as ondas desta aragem a piscina de Betsabé, o loureiro de Dafne.</p> <p>Eva exemplar desprende-se das suas formas históricas.</p> <p>Do seu mármore pentélico, da sua mirra judia, agromas, teofania, cum hábito moderno e umha nudez antiga.</p> <p>(Cabo de mim, dormiste baixo a árvore da vida. Persequim-te entre sátiros violadores de ninfas. Desde os altos terrados, vim esvarar luzeiros polas tuas coxas nídias.)</p> <p>Melodiosa pureza dum cántico de linhas. Sinfonia de cordas, instrumento de vibrante harmonia.</p> <p>Nos meus braços dormida. Umha guitarra, polos dedos da noite rasgueada.</p> <p>Nas minhas mans desperta. Cifra de mito: monlho, soma, orquestra.</p> <p>Pola escada do teu riso rola a maçá do paraíso.</p> <p>Eu tango no país de quiasmo dos meus sonhos, humano Apolo e irreal David, a harpa dos teus cabelos e a lira dos teus cadris.</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Poema nº 30</p> <p>Umha loira docíssima cum dívoio de cabelos de ouro pálido, um pavilhom de garimoso lume; de enormes olhos mornos, húmidos lagos onde, nua, aboia umha nena gémea e a gémea, duas almas sem lixo, que som umha, a se banhar em flor de linho manselinho, em líquido zafiro, em carinho de céu, em paz azul.</p>	<p>de maçá ou de outro froito flor ainda dum vergel que é jardim e paraíso em que a carícia é santa, o bico puro, o gozo anélico; um rosto onde a donda curvatura parábola é de dita celestial, trajecto de meiguicho fugidio por onde esvara em êxtase a delícia no trenó das fadas cara ao mel. Mesmo é de pano tépido, frouxel de ninho, lá de pomba, a veste que a terna carne, dum rosado tímido,</p>	<p>Os seus olhos embaciados nom conhecem a distância; cuidam que estarás já sempre ao alcance dos raios seus e sempre te queimarám. Nom lhe dá a sua razom que o trem está já esperando-te. Porque os seus olhos te vem, crê que sempre te verám; e como nom vem o tempo, nom crê que o tempo te leve. Agora está cara a ti, e a sua olhada é eterna.</p>	<p>derramando sobre ti neste momento infinito que o teu corazón acora coasua mortal agonia.</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Um rosto nonde a donda curvatura, a moleza de pexego,	afaga, rosa de arrecendo mol. Mas a mulher a sorrir ve-te ante ela no presente.	A sorrir-se, a te sorrir; a sua dita de deusa	
----------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------	--

<p>Poema nº 17</p> <p>E nom te conhecêrom. Habistaste, pequeno deus, entre os pequenos, homes, e nom te conhecêrom. Fazias os milagres sem anunciá-los pola rádio. Nem vodas de Caná nem Multiplicaçom de pam e peixes. Nom tiveste discípulos. Nom tiveste Tabor, e no Calvário nengum fotógrafo recolheu o teu rosto derradeiro. Estavam todos ocupados coa volta à França em bicicleta. Nengum evangelista registou as palavras que dizias. Nengumha secretária pudo escrever um livro: “Fulano em sapatilhas”, ou “Fulano em cirolas”. Escrevias ti mesmo os teus sermons, e deitavas-te só. Fazias os milagres ao tempo que astronautas o cosmos navegavam, e fouces e martelos esnafravam a lua. Ninguém reparou neles. A tua execuçom foi umha liquidaçom sem importância dum activista anónimo polas forças da ordem, rotina subalterna. Nom se estendeu partida de defunçom. Ti estiveste entre nós. Naceste e mais morreste. Eras um deus modesto. Nós tínhamos angueiras. E nom te conhecemos. Neste mundo tam cheio de notícias, todos os dias acontece que ocorrem redençons que resultam inúteis, porque ninguém se inteira.</p>	<p>Poema nº 18</p> <p>Inda a chorosa mam o branco pano acena e já sorrim hospitalares beijos que nos seus beijos nos acolhem. Tragamos, supersónicos, as horas. Pousaremos ao tempo de rubir.</p> <p>Dacavalo do tempo, na sua ilharga eléctricas esporas afundindo, pretérito e futuro estordegamos. Romos, superlumínicos, os dias. Chegaremos denantes de sair.</p> <p>A Cronos, que os seus filhos devorava nós, os filhos de Cronos, devoramos, e a sua roda de ferro reviramos. Superhumanos, os anos engolimos. Morreremos denantes de nascer.</p> <p>Trás de Onám e Narciso, e Batilo e Safo, novas divindades das massas de jatos que em balbúrdia furiosa som conduzidas polo sombricho pegureiro com orelhas de lobo, está a morte, que aguarda cos seus magarefes para esquartejar, esfolar e pendurar dum cravo este gando que dizedes amar, ti, moça que se aperta em lordentos calçons; ti, pedantesco feto de óculos irritados; ti, porteiro do inferno que cospes cara ao alto; ti, guerreiro de espada dumha Citeres erma; ti, que escreves a história com lufadas de chumbo. Babilónia será purificada quando desde o seu carro de combate, ferido polo dardo do arcanjo, o ídolo caia a terra, e o príncipe pereça mentres cospe o seu vinho desde a copa de outro na parede onde o oculto dedo de alguém que nom foi visto escreveu as fatídicas palavras. E um Ciro vestido de amianto, coroadado de neve e armado de água, entre pola canle do rio de jurro desviado cara ao lago de asfalto, e lave o que haja que lavar, e queime o que haja que queimar, e corte o que haja que cortar, para que o lixo, o tumor e a cinza sejam esterco e adubo sobre o que poda erguer-se a cidade das torres e das cúpulas onde habitem os anjos peregrinos do céu; e a lesbiana tornará a ser pura, e o apóstata regressará ao fogar, e o traidor recobrará a sua honra, e a mocinha volverá a ser virgem, e o rapaz à inocência. E nom diremos nom para dizermos si.</p>	<p>Poema nº 29</p> <p>Quando se apaga a luz em Nova York sai o dragom das suas catacumbas, queima o obradoiro onde o seu pai trabalha, saqueia a tenda em que a sua nai se sorte, viola a moça com que sai os domingos.</p> <p>Quando se apaga a luz em Nova York, agroma o mal como umha flor do escuro, entenebrece-se o coração do home, troca-se em negra a mais nídia alma branca e o riso fóssil do hominídeo lostrega.</p> <p>Cando se apaga a luz em Nova York, o tempo estoira polas bocas do metro, a noite estoupa polos olhos do mundo, ranham o céu blasfémias cibernéticas e os ascensores sepultam a electrónica.</p> <p>Quando se apaga a luz em Nova York, reflui a vida às visgosas origens, luxúria é o amor, bestialidade o pulo. Dependurado dum fio o cosmos técnico, um demo abala o nosso berce o caos.</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Poema nº 9</p> <p>O mundo irreal da ilha instantânea da dita,  rodeada de realidade por todas partes.  Imenso oceano de vagas mestas e monótonas.  E a ilha afortunada, espelhismo tropical,  paraíso subitamente recobrado,  mais real que a realidade, embora efémero.  Ainda bem,  por que medir a realidade com compassos de tempo?  Eu desenrolo o meu metro de dita,  a minha fita de esquecimento,  o meu nónius de bebedeira,  e acho infinito o perímetro,  inabrangível a área,  imenso o volume da minha ínsua.  Todo esse mar de chumbo e sono;  sonho somente esse horto de verdade  que é um lôstrego e semelha mentira  na duraçom do engano.  Na noite das estrelas maduras,  da lua que estoira como umha despida flor,  vivemos a sazom fugidia  do ser em plenitude.  Manhá, o dia, a luz do sol contaminado,  dos sinais que proibem e permitem o tráfico,  recto, à direita, à esquerda,  porque há outros e se pode chocar.  Normas municipais,  regras, mutilaçoms, funçom social.  Vagas de gente a eito,  lixadas de pretróleo, greias, massas.  Se nos cruzamos, levaremos pressa.  Imos à oficina, ao obradoiro.  Nom temos tempo de reconhecer-nos.  Um sorriso poderia deter a circulaçom,  atuar o sangue que flui polas tubagens do tempo,  provocar atropelos, acidentes, multas.  Cruzamo-nos sem ver-nos, sem olhar-nos,  nesta económica mentira,  nesta fantasmal vida das horas de trabalho.  Voltaremos à mínima e suprema  saudade do silêncio  em que esqueçamos todo o que nos fai falha reter:  o documento de identidade,  o título profissional,  o permissso de conduzir,  para viver umha morte sem lindes,  para morrer umha vida sem valos  na ilha da noite sem raiganhas,  na ilha da noite sem fronteiras  da verdade incrível, do milagre real?</p>	<p>Poema nº 7</p> <p>Quiçá dentro dum ano a tua presença  seja para el como umha aragem fresca.  Quiçá dentro dum ano a tua lembrança  seja para el como umha lua clara.</p> <p>Mas hoje a tua presença  nom é para el senom ferida acesa.  Mas hoje a tua lembrança  nem é para el senom escura mágoa.</p> <p>Se quadra desta angúria  sairá um dia a doçura.  Se quadra deste anseio  sairá um dia o sossego.</p> <p>Quando esta ardente chama  seja morna borralha.</p>	<p>Poema nº 8</p> <p>Olha, estou sementando  e é tempo da colheita.</p> <p>Fitas-me com piedade ou com  desprezo?</p> <p>Já devia ter cheio o meu piorno,  e, olha, estou sementando.</p> <p>Nom fum da raça dos que tecem  sonhos  estombalhados baixo um castinheiro,  mentras o tempo como um rego foge.</p> <p>É que a terra que Deus me deu de  herdade  tam empedregulhada foi e esgrêvia,  que passei a rebá-la a minha vida.</p> <p>Ao meu redor transbordam os  cabaços  as messes recadadas, e os patrúcios  sentam-se farturentos às suas portas.</p> <p>Se eu logro duas espigas facarenhas,  nom será pra levá-las ao móinho,  que bem sei que nom tira a fame o  froito serôdio e miserento.</p> <p>Ponherei-nas em cruz sobre o cadulho  onde remata a minha bouça ríspeta,</p> <p>(...)?</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------